

‘O São Caetano sabia. O Serginho jogava com problema cardíaco.’ ‘Medo? Tive quando a torcida do Corinthians invadiu o Pacaembu para nos pegar.’ Silvio Luiz

Redação

O jogador que mais atuou com a camisa do São Caetano revela o drama da morte de Serginho. Explica sua revolta com a parada cardíaca que seu companheiro teve no Morumbi. E revela bastidores do que viveu no Corinthians da MSI, e no Vasco, quando o treinador era Romário

“O Rogério Ceni me chamou e disse que eu estava sendo injustiçado, esquecido pela Seleção. Eu fiquei feliz demais. Para o Ceni me elogiar, é porque eu estava jogando muito bem. E estava mesmo.”

Ninguém vestiu mais a camisa do São Caetano do que ele. Foram 451 partidas.

Silvio Luiz viveu o apogeu, as finais da Libertadores e dois Brasileiros.

Mas também passou pelo clube, na assustadora decadência em que está.

Estagnado na Quarta Divisão paulista, abandonado por torcida, imprensa, patrocinadores.

“Participei de um projeto maravilhoso, incrível. A formação de times competitivos, vibrantes, com potencial para revolucionar o futebol brasileiro. Vi o nascimento de uma nova força. Um time do ABC chegar à final da Libertadores e decidir dois Brasileiros é algo inimaginável hoje”, relembra, saudoso.

Carioca, revela que, quando foi contratado, pensou que iria jogar no Rio Grande do Sul. “Nunca tinha ouvido falar em São Caetano do Sul. Não sabia que era São Paulo.” E Silvio Luiz encontrou um clube com dois pilares financeiros bancados por duas pessoas.

Samuel Klein, dono das Casas Bahia, e Luiz Tortorello, prefeito de São Caetano. Klein e Tortorello se juntaram e apostaram na transformação de um clube pequeno, sem recursos, com atletas humildes, sem grande potencial, em uma equipe com jogadores da Série A.

“Formaram elencos fortíssimos.

“Tivemos ascensão incrível. Da Terceira Divisão do Paulista, em dez anos, estava disputando a final do Brasileiro com o Vasco. Eu cheguei em 1998 e acompanhei o crescimento. O segredo estava no planejamento e no alto investimento. Com o apoio total da Prefeitura e com o dinheiro forte das Casas Bahia, nos apresentamos ao Brasil.”

Silvio Luiz lamenta até hoje a final do torneio João Havelange, o Brasileiro de 2000.

“O título era nosso. O alambrado de São Januário caiu. O jogo foi paralisado. A responsabilidade toda era do Vasco. Mas a nossa diretoria aceitou um acordo. Faria nova partida desde que o São Caetano seguisse na Série A em 2001. O clube ganhou. Os jogadores perderam. Deixaram de ser campeões, já que, quando o jogo aconteceu, nosso time estava desmanchado.”

O São Caetano ainda perderia a final do Brasileiro do ano seguinte, 2001, para o Athletico Paranaense. E em 2002, da Libertadores.

“Caímos na decisão da Libertadores por falta de experiência, vivência internacional.” A forra foi a conquista do Paulista de 2004.

Mas, no dia 27 de outubro de 2004, tudo mudaria. Um dos principais jogadores do São Caetano, Serginho, teve parada cardíaca contra o São Paulo, no Morumbi. Morreu na mesma noite.

Silvio Luiz, grande amigo de Serginho, protagonizou uma cena inesquecível. Ao perceber a gravidade da situação, ele falou aos jornalistas.

“O São Caetano matou o Serginho. Todos sabiam que tinha um problema cardíaco.”

22 anos depois, esclarece na entrevista o motivo de suas declarações.

“Eu falei o que nós jogadores sabíamos. Os exames cardíacos do Serginho tinham dado alteração em janeiro. Ele ficou até um período fora, para se tratar. Voltou e disse que estava tudo bem. Se ele voltou e porque tinha a aprovação dos médicos do São Caetano. Estávamos aliviados, ele era um dos nossos grandes líderes. Ou seja, nós acreditamos que acabou o problema cardíaco. Mas não. Tanto que ele morreu jogando. O São Caetano sabia. O Serginho jogava com problema cardíaco. O que foi um erro fatal.

“Mesmo se ele forçasse a barra para jogar, o clube não deveria ter deixado. Não me conformo até hoje com sua morte. Para mim, ela era evitável.”

Silvio Luiz revela.

“Depois da morte do Serginho, eu quis ir embora. Houve uma desilusão geral. E o clube caiu na decadência.”

A morte do prefeito Tortorello, em dezembro do mesmo 2004, foi um golpe irreversível. A família Klein também se afastou e São Caetano entrou em queda livre.

O goleiro, que havia recusado várias propostas, foi para o Corinthians. E encontrou o pressionado time milionário montado pela MSI, com a obrigação de ganhar a Libertadores em 2006.

“O elenco tinha problemas sérios. Não havia cumplicidade entre os jogadores. E vieram as derrotas para o River Plate, que nos eliminou. A segunda delas, no Pacaembu, foi marcante, assustadora.

“A torcida, revoltada, tentou derrubar o alambrado e invadir o campo. Ficamos com muito medo, corremos para o vestiário. Sorte que a polícia conseguiu conter os torcedores. Não sei o que fariam conosco”, confidencia.

O goleiro depois foi para o Vasco, ser treinado por Romário. A carreira de Silvio Luiz é incrível. Depois de parar, voltou ao São Caetano para trabalhar como treinador de goleiros.

“Aí eu vi a decadência. Lastimável. O problema é que, quando as Casas Bahia e a Prefeitura deram todo o apoio possível ao clube, não houve investimento em infraestrutura. Não pensaram no futuro. E o São Caetano foi encolhendo, encolhendo, encolhendo. E por isso está na Quarta Divisão do Paulista. Vivi um sonho lindo, que acabou.”

A entrevista completa de Silvio Luiz está no canal Cosme Rímoli, no YouTube. Uma parceria com o R7.

São mais de 21,1 milhões de acessos.

E mais de 200 personagens marcantes do esporte brasileiro.

Aos sábados, as entrevistas mais destacadas passam na tela da Record News, às 10 horas.

A conversa deste final de semana é com Kléber Gladiador...

<https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/o-sao-caetano-sabia-o-serginho-jogava-com-problema-cardiaco-medo-tive-quando-a-torcida-do-corinthians-invadiu-o-pacaembu-para-nos-pegar-silvio-luiz-20102026/>

Veículo: Online -> Portal -> Portal R7 - Cosme Rímoli

Seção: São Caetano